

Editorial | Dossiê “Som e/ou Música, Violência e Resistência”¹

Laíze Guazina | Coordenadora Convidada²

Faculdade de Artes do Paraná, Universidade Estadual do Paraná (Brasil)

O ano de 2015 talvez seja um dos mais emblemáticos no que diz respeito à luta por direitos e garantias democráticas em confronto com processos marcadamente violentos, sob a égide do capitalismo atual e suas novas formas de controle sobre as populações, no Brasil e outros lugares do mundo. Basta que lembremos das lutas indígenas, dos graves crimes ambientais, da situação dos refugiados, dos sinais de uma crescente xenofobia e das históricas lutas contra o racismo, à violência contra a mulher e à criminalização da pobreza, tão atuais quanto a luta pelo direito à água, à terra e à educação pública gratuita e de qualidade. A lista é longa, deve ser percebida no plural e à luz das heranças e atualidades dos colonialismos.

Os estudos musicais foram, durante muito tempo, bastante alheios ao debate das questões sociais e suas relações com as práticas acústicas-sonoras-musicais – objetivamente expando a abordagem para além do “musical” – e, de modo geral, ainda carecem de debates mais amplos e aprofundados sobre essas relações. Contudo, vivemos um tempo em que a política, a sobrevivência, os direitos (ou a falta/perda deles) e tais práticas acústicas-sonoras-musicais já não podem ser confortavelmente separados. Portanto, adentrar os espaços da cultura e negar a existência de questões sociais, mantê-las invisíveis ou compreendê-las a partir de perspectivas naturalizadas coloca-nos no desconfortável (para dizer o mínimo) papel de reforçar violências.

Tais conjunturas convocam as/os pesquisadoras/es de todas as áreas a confrontar-se com as causas e consequências de tais realidades, tomando também para si a responsabilidade de debater e,

¹ Dossier “Sound and/or Music, Violence, and Resistance”.

² Parte deste Dossiê foi realizada durante o Pós Doutorado que cursei na Universidade de Aveiro (UA), Portugal. Minha pesquisa de Pós Doutorado foi desenvolvida no âmbito de um projeto bilateral entre o Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança/UA e o Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Agradeço a estas instituições e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cuja bolsa permitiu esse período de estudo.

quicá, contribuir com a construção de outras possibilidades de vida em tempos de endurecimento de conflitos já conhecidos e (re)surgimento de questões sociais que colocam a vida frente a limites. Sobre isso, podemos lembrar o primeiro parágrafo de Orlando Fals Borda (1978, p.1) em *Por la Praxis: el problema de cómo investigar la realidad para transformarla*³:

Son relativamente pocas las ocasiones de confrontar directamente, en el curso de la vida, procesos fundamentales de transformación social. Es nuestro privilegio, como generación, la de vivir este proceso hoy día, y hacerlo con las ventajas y desventajas que ofrece el desarrollo contemporáneo. Es también nuestra responsabilidad, como pertenecientes a una comunidad de científicos, el saber interpretar esta transformación y derivar datos adecuados a entenderla para ayudar a construir el futuro.

O Dossiê “Som e/ou Música, Violência e Resistência” nasceu deste modo de implicação na produção do conhecimento – e, insisto, na vida –, reconhecendo, também, que todo conhecimento é aplicado e participa da construção da(s) realidade(s). Ele é dedicado à memória do 29 de Abril de 2015, em Curitiba (Paraná, Brasil). Um dia emblemático em que as múltiplas violências perpetradas pelo Estado do Paraná contra os direitos, as condições de trabalho e estudo, os corpos das/os trabalhadoras/es da educação pública e das/os estudantes do Paraná, assim como de outras/os trabalhadoras/es do setor público, culminaram no chamado “Massacre de 29 de Abril”, também chamado de “Dia da Vergonha”. Data a ser lembrada pelas lutas populares democráticas em defesa da educação pública gratuita e de qualidade e em prol do respeito aos direitos trabalhistas, mas também pelo sangue derramado no asfalto, pelo lacrimogênio no ar e pelo som ensurdecedor dos tiros, tal como pode ser visto em vários documentos audiovisuais disponíveis online⁴. Pouco há a ser comemorado oito meses depois, em que duas universidades públicas do Paraná estão de portas fechadas por falta de verbas e em que devem ser encerrados os contratos de trabalho temporários de cerca de 20 mil professores da rede escolar pública estadual, a título de “economia” para o Estado.

Conjuntamente, frente aos acontecimentos mais recentes no Brasil, este Dossiê deve ser dedicado, também, às lutas das/dos estudantes de escolas públicas de São Paulo. Elas e eles têm nos ensinado muito sobre participação, resistência e política na educação e na própria conjuntura do país.

³ Federación para el Análisis de la realidad Colombiana (FUNDABCO). Bogotá, Colombia. 1978. O artigo pode ser encontrado em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/pela/pl-000411.pdf>>. Texto acessado em 23/12/2015.

⁴ Um dos mais completos é “Massacre 29” <<https://www.youtube.com/watch?v=s16jjyd7Ago>>. Outras informações úteis em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa-zero/doze-grandes-imagens-do-confronto-no-centro-civico/>>. A grande imprensa diversas vezes noticiou o conflito como um “embate”, como pode ser visto em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/embate-entre-a-policia-militar-e-os-servidores-termina-com-213-feridos-74r8he7lqqkc14k4v1i84m118>>. Contudo, não tendo havido ataque por parte da população (civis, em que estavam incluídos homens, mulheres, idosos e adolescentes), o termo “embate” é, no mínimo, inadequado. A canção “29 de Abril”, de Daniella Gramani e Erick de Almeida, encontrada em <<https://www.youtube.com/watch?v=uqo0jOT9ghk>> e descrita nos créditos do vídeo como uma “Composição feita como forma de apoio aos professores do Paraná e repúdio contra as ações do governo ocorridas no dia 29 de abril de 2015”, que conta com as fotos de Julio Garrido no vídeo, permite outras experiências sobre o que significaram estes acontecimentos. Materiais acessados em 23/12/2015.

Os textos presentes neste Dossiê certamente serão bastante elucidativos sobre as relações-ações intrínsecas e coemergentes entre as práticas acústicas-sonoro-musicais, os contextos sociopolíticos e as resistências, em diferentes âmbitos. Dele fazem parte seis trabalhos - cinco artigos e uma composição (partitura e breve comentário) - dos quais faço uma brevíssima descrição a seguir, com a certeza das grandes contribuições que estas/estas autoras/es trazem à reflexão-ação sobre os dias em que vivemos e as implicações das pesquisas e das universidades na vida “real”.

O trabalho que abre o Dossiê “Som e/ou Música, Violência e Resistência” é *Ante los ojos del mundo: música, minería y conflicto social en el norte andino de Cajamarca, Perú*, de **Marino Martínez** (Centro Documental de la Música Tradicional Peruana, região de Cajamarca) e **Julio Mendivil** (Universidad Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt). Os autores analisam as relações entre a expansão da mineração em Cajamarca, os danos ambientais e os conflitos sociais decorrentes dessa expansão, em meio aos quais os camponeses têm utilizado as formas musicais tradicionais para canalizar seu descontentamento social e político, ao mesmo tempo em que confrontam um contexto midiático adverso.

O texto seguinte, *É permitido proibir: a práxis sonora da pacificação*, foi escrito pelo coletivo de pesquisa **Grupo Musicultura**, ligado ao Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que é composto por **Alexandre Dias da Silva, Alice Emery, Elza Maria Cristina Laurentino de Carvalho, Jaqueline Calazans, Juliana Catinin, Matheus Nogueira Pessoa, Naiane Santos da Silva, Rodrigo Heringer, Samuel Araujo, Sinesio Jefferson Andrade Silva e Sterre Gilsing**. O artigo aborda algumas das consequências da implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em áreas favelizadas da cidade do Rio de Janeiro e suas conexões com certas práticas e eventos musicais em um conjunto de favelas, a Maré. As/os autoras/es refletem, ainda, sobre esta conjuntura e a histórica presença do assistencialismo e clientelismo, autoritarismo e extermínio das populações percebidas como vulneráveis, em um cenário que solicita mais debates sobre as relações entre a práxis sonora, as práticas de exceção e o Estado democrático e de direitos.

O terceiro trabalho, denominado *Guerra, predação e alianças no sistema acústico tikmũ’ũn*, de **Rosângela Pereira de Tugny** (Universidade Federal do Sul da Bahia) e **José Ricardo Jamal Júnior** (doutorando do PPGMUS da Universidade Federal de Minas Gerais), contribui com outras perspectivas sobre as relações entre “Som e/ou Música, Violência e Resistência”, ao debater as práticas sonoras dos Tikmũ’ũn como centrais em sua complexa sociocosmologia. Tugny e Jamal Junior abordam o estatuto ontológico do que habitualmente é chamado de ‘música’ a partir da análise dos cantos tikmũ’ũn e suas relações com a “predação”, com as condições de vida dos Tikmũ’ũn na atualidade e com as consequências de um histórico de perseguições, massacres e lutas pela terra.

Em *Escuta militante: esboço acerca da construção de repertórios engajados*, **Janaina Moscal** (doutoranda do PPGAS da Universidade Federal de Santa Catarina) trata das composições e paródias de canções no

contexto do Movimento Sem-Terra, com seus 30 anos de atividade e seus assentamentos e acampamentos em todo o território brasileiro, e a construção de repertórios “engajados” e de uma “escuta militante”.

O último artigo, escrito por **Daniel Marcos Martins** (mestrando do PPGM da Universidade Federal do Rio de Janeiro), é *Música, identidade e ativismo: a música nos protestos de rua no Rio de Janeiro (2013-2015)*. O autor busca analisar a participação de músicos ativistas nas manifestações de rua ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 2013 e 2015.

O trabalho que encerra o Dossiê é *Nzikitanza, a piece on the resistance against the MUOS in Niscemi, Sicily*, escrita em 2012, por **Marcello Messina**, compositor siciliano atuante na Universidade Federal do Acre. *Nzikitanza*, conforme o autor, é produto de uma reflexão sobre os acontecimentos decorrentes da inclusão da Sicília como espaço de ação militar estadunidense e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que incluíram a mobilização de um comitê de resistência popular contra a implantação de um sistema de satélite de comunicações militares na região.

Agradeço às autoras e aos autores que contribuíram com o Dossiê “Som e/ou Música, Violência e Resistência” e faço votos que as excelentes reflexões e experiências aqui presentes encontrem e produzam ressonâncias para a construção de dias socialmente mais justos e equitativos.

Boa leitura.